



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS- FIEI-
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA



Moisés Xakriabá e Leia Xakriabá

“AS REUNIÕES COM OS CABEÇAS” E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA
ALDEIA BREJO DO MATA FOME NA LUTA PELA CONQUISTA DO
TERRITÓRIO, A PARTIR DO QUE CONTAM OS NOSSOS MAIS VELHOS

Belo Horizonte

2022

Brejo Mata Fome

MOISÉS XAKRIABÁ E LÉIA XAKRIABÁ

“AS REUNIÕES COM OS CABEÇAS” E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DO
BREJO MATA FOME NA LUTA PELA CONQUISTA DO TERRITÓRIO A PARTIR
DO QUE CONTAM NOSSOS MAIS VELHOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO TÍTULO APRESENTADO AO
CURSO DE LICENCIATURA EM FORMAÇÃO
INTERCULTURAL PARA EDUCADORES
INDÍGENAS INDIGENA NA ÁREA DA
MATEMÁTICA

ORIENTADOR; ROGÉRIO CORREIA FAE/UFMG

Belo Horizonte

Brejo Mata Fome

2022

AGRADECIMENTO

Poemas dos autores Moisés e Léia

SUBIDO NUMA ROCHA
PARA DE CIMA VER DE TUDO
SE NO PÉ DAQUELA SERRA
ERA O FINAL DO MUNDO
AGRADECIMO AQUELA SERRA
PELO QUE NOS ENSINOU
TAL COMO HOJE SABEMOS
QUE AQUELE HORIZONTE
HOJE SE ULTRAPASSOU

SE MISSÕES ERA O MAIS LONGE
COM O TEMPO SE EXPANDIU
FOMOS PARA BH,
COM SENTIDO DE ESTUDAR
PARA UM DIA REPASSAR
ISSO MUITO SE PEDIU

COM GRAÇA DE TUPÃ
OLHA SÓ ONDE CHEGAMOS
PARA PARAR AQUI NESSE CURSO
ESSE QUE APRECIAMOS

NOSSO PAI ASSIM DIZIA
VOCÊS VÃO TODOS ESTUDAR
PARA QUE EM UM FUTURO
VOCÊS POSSAM SE FORMAR
A ELE O DEDICAMOS
COM MUITA ALEGRIA
POIS HOJE NÓS FORMAMOS
COMO ASSIM ELE QUERIA

DE BREJO A BELO HORIZONTE
OLHA ONDE SE CHEGOU
GRANDE PARTE DESSE INSTANTE
DEVEMOS PARA VÓ E VÔ
QUE O SEU CONHECIMENTO
MUITO ALEGRE NOS PASSOU

AGRADECEMO NOSSA MÃE
QUE NOS COLOCOU NO MUNDO
NOSSO POVO E FAMÍLIA
E OS MAIS VELHOS SOBRETUDO

ESSES SIM NOS APOIARAM
ATÉ ONDE NÓS CHEGAMOS
POIS DEVEMOS UM POUQUINHO
DISSO TUDO QUE NÓS SOMOS

AGRADECEMOAO CACIQUE
TODAS NOSSAS LIDERANÇAS
AGRADECEMO A TUPÃ
QUE NOS DÁ BOA ESPERANÇA

QUEM NÃO PODE É FALTAR
NESSES AGRADECIMENTO
QUEM VEM A NOS PREPARAR
PARA DADO O MOMENTO
POVO DE ORAÇÃO E DE MUITA UNIÃO
ESSES TÊM CONHECIMENTO

BEM COMO OS ENTREVISTADO
TEM SEU ESPAÇO MARCADO
TODO O COLEGIADO
A QUEM SOMOS MUITO GRATO
POR A SUA ALIANÇA

FICA O AGRADECIMENTO
AO NOSSO ORIENTADOR
QUE COM JOGO DE CINTURA
FOI O NOSSO INSTRUTOR

É POR FIM QUE AGRADECEMOS
TODOS NOSSOS PROFESSORES
QUE FORAM OS NOSSOS PAIS
DANDO BRONCA E MUITO MAIS
PARA SER OQUE SOMOS HOJE

PARA FINALIZAR NA LÍNGUA
DAMOS GRAÇAS A TUPÃ
Á TODOS QUE FIZERAM PARTE
ARIANTÃ KANKERÉH AKWÃ!!!

RESUMO

O presente estudo conta a história da aldeia Brejo Mata Fome. Nele abordamos diferentes aspectos da história da aldeia Brejo com um recorte para a participação geopolítica da aldeia no território, focando nas “reuniões com os cabeças”. A história da aldeia se mistura com a história de nossa família, a família Gomes, sendo ela uma das pioneiras na ocupação desta região. Assim, quem inicia o relato é nosso avô Pedro Paulo Xakriabá, tornando possível a você leitor, viajar a fundo e ter uma percepção de como se estivesse vivenciando os fatos, por trás da história desta grande aldeia. O nosso narrador (um dos poucos anciões da família Gomes) destaca momentos da época em que ele ainda moço, construiu sua família no centro da aldeia, em terreno herdado por direito de moradia, de seus pais e parentes. Ao longo da pesquisa mudamos nosso interesse e nosso foco passou a ser um estudo sobre a luta e a participação política da Aldeia Brejo na conquista do território, a partir das reuniões de lideranças, também chamada “reunião dos cabeças. ” A aldeia do Brejo foi o centro dos momentos históricos das discussões dos assuntos relacionados aos nossos direitos, ao nosso território, onde as pessoas e lideranças de todas as aldeias se reuniam para tomar decisões sobre o que fazer. Eram nesses momentos que muitas decisões políticas foram tomadas e que afetaram toda a terra indígena Xakriabá. Ao estudarmos o que acontecia nessas reuniões recuperamos assim parte da história da aldeia Brejo e da Terra Indígena Xakriabá. Para realizar essa pesquisa fizemos vários exercícios, entrevistando de início os mais velhos e parentes. Com eles produzimos um mapa descrevendo a aldeia Brejo de antes e também construímos uma linha do tempo da história da Aldeia e uma árvore genealógica da família. Para parte onde conta a história das reuniões dos Cabeças, entrevistamos algumas lideranças que participaram das reuniões selecionando alguns dos principais momentos que foram decisivos e que marcaram o destino das famílias que ali viviam, trazendo detalhes que foram muito importantes para o nosso povo. Essa história trará muitas reviravoltas, pois listará pontos de reuniões antigas, trazendo com que as gerações atuais possam conhecer melhor sobre essa história. Será também uma forma de ajudar nosso povo e sobretudo a comunidade, já que as gerações mais jovens desconhecem a imensidão de conteúdos que há por trás desta grande aldeia que é a aldeia Brejo.

Palavras chaves: Aldeia do Brejo do Mata Fome- Xakriabá- História-

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho a todos aqueles que fizeram parte dessa conquista, sobretudo o dedicamos a comunidade da aldeia Brejo Mata Fome, aos entrevistados Pedro Paulo, Jaime Oliveira Pereira xakriabá, Guilhermina Gomes, Enedina Gomes, Zé de Rodrigo, S.r. Emilio kaipora, José Deda Sirêpté. Aos nossos colegas que foram como irmão, aos bolsistas do fiei, aos professores (as) e a todo corpo de organização da UFMG. Dedicamos ainda aos nossos cacique e lideranças que nos deram apoio nessa caminhada, as nossas famílias que foram nossos pilares dando força e incentivando nesse percurso. Ao nosso orientador Rogério que nos deu suporte e aos coorientadores cedido por ele sem essas pessoas nada disso seria possível.

Sumário

RESUMO	5
DEDICATÓRIA	6
INTRODUÇÃO	8
JUSTIFICATIVA	9
OBJETIVOS	10
METODOLOGIA	11
CONHECENDO OS ENTREVISTADOS	13
ACERVO DE FOTOS RELATIVAS A ALDEIA BREJO MATA FOME E AO TEMA PESQUISADO	19
CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA DA ALDEIA CONTADA POR NOSSO AVÔ	21
1.1- A história da aldeia Brejo Mata Fome	21
1.2 Brejo: histórias e riquezas alimentícias	23
1.3 A aldeia Brejo no tempo dos antigos	26
1.4 A História da nossa família	30
CAPITULO 2: HISTÓRIA DAS REUNIÕES DOS CABEÇAS E A LUTA PELA CONQUISTA DO TERRITÓRIO	33
2.1 As reuniões e a forma como são realizadas	33
2.2 A Escola da aldeia brejo como ferramenta de luta	41
2.3 “Cortaram nosso tronco, mais deixaram nossas raízes, e delas virão novos brotos e estes gerarão novos frutos”	43
Considerações Finais	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

A aldeia Brejo Mata Fome é muito citada em trabalhos como o do famoso Alceu Cotia Mariz, Ana Flavia Santos e sobretudo vista por nossos mais velhos como uma das aldeias de importância grandiosa nos momentos de lutas e retomadas e esse é um dos motivos que nos levaram a pesquisar sobre ela.

Ela é a aldeia sede do território, e tem uma característica que a distingue de todas as outras, pois é lá que se encontra o cacique que é quem tem o papel de conduzir e organizar o povo, junto as demais lideranças. É lá também que estão alguns dos prédios responsáveis por manter o funcionamento de saúde educação e bem-estar de nosso povo, são elas, E. E indígena Bukimuju, Posto de Saúde polo Brejo Mata Fome, Cras e Correio indígena, todos desempenham papéis cruciais na vida comunitária, das aldeias.



Essa história tem o intuito de lembrar assuntos a muito tempo adormecidos e que de certa forma são intocáveis, mas que com o passar dos anos se viu que somente assim os mais jovens dariam o valor necessário a essa ilustre história da aldeia Brejo. Entre os assuntos estão a revolta do curral de varas, as reuniões internas entre pajé e os viajantes das demarcações, e até mesmo as reuniões com os cabeças sejam estas reuniões de assuntos relacionados às políticas internas e ou religiosidade, que por sua vez são muito particulares e decisivas, já que nossa religião está sempre presente nos momentos de decisões do território, por meio de revelações de possíveis perseguições.

Nós, os autores desta monografia, nascemos na aldeia Barreiro Preto. Mais em decorrência do falecimento de nosso pai, que ocorreu no ano de 2005 mudamos para a aldeia Brejo Mata Fome. Na aldeia Brejo Mata Fome tivemos boa parte de nossas vivências.

Escolhemos falar da história da aldeia Brejo, pelo fato de ela abordar junto assuntos relacionados a família Gomes, família da qual pertencemos. Somos irmãos, filhos de Manoel de Araújo carneiro e de Enedina Gomes Carneiro a quem somos gratos eternamente.

Eu Moisés xakriabá tenho 23 anos, morei no Brejo desde meus 6 anos até o ano de 2019, quando me casei e em razão disso e de outros motivos me mudei de aldeia novamente. Resido atualmente na aldeia pedra redonda, tenho 1 filho, e é seguido de muito orgulho que contamos um pouco dessa história.

Eu leia xakriabá, tenho 27 anos, moro na aldeia brejo desde meus 10 anos até os dias atuais. Sou casada tenho 2 filhos e é com muita emoção e alegria que trazemos esta grande história a você leitor, para que venham apreciar esse grandioso trabalho.

No ano de 2018 ingressamos juntos no curso FIEI, do qual falaremos posteriormente, estamos finalizando o nosso trabalho de conclusão de curso TCC, juntos neste ano 2022 com graça de Tupã, ‘Deus criador de tudo e de todas as coisas. ’

Abaixo algumas das perguntas nos ajudam entender melhor nosso interesse pelo tema:

*Qual a importância da aldeia Brejo Mata Fome para o território?

*Porque se chama Brejo Mata fome?

*Como foi ocupada?

*Quem foram os primeiros moradores segundo a história do tempo dos antigos?

*Qual o papel que a aldeia desempenhou na luta pela conquista do território?

*Onde está localizada a aldeia no território?

Com muito carinho convidamos a você leitor para que venha conhecer essa história e as respostas para todas essas perguntas listadas acima:

JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa se justifica identificar e registrar os fatos ocorridos na aldeia Brejo do Mata Fome no intuito de transmitir aos mais jovens e aos que desconhecem a história que há por trás desta grande comunidade, já que ela foi uma das aldeias pioneiras, das mais antigas da Terra Indígena Xakriabá. Ela abriu o caminho para que as outras aldeias viessem a existir.

A aldeia do Brejo era também reconhecida desde os tempos dos antigos como um local de grande fartura e produção de alimentos. O próprio nome da aldeia “Brejo do Mata Fome” indicava uma região de grande prosperidade, onde as pessoas podiam procurar alimento para se alimentar. Também era um local de intenso comércio de produtos agrícolas produzidos na região como azeite, rapadura, algodão, banana, etc.

A aldeia do Brejo é o centro político da Terra Indígena Xakriabá. É onde viveu alguns dos caciques que fizeram parte da luta e onde vive o atual cacique, Domingos. É onde também foram construídos os primeiros prédios públicos do território como Escola, Hospital, a FUNAI e igrejas.

A aldeia do Brejo foi o centro dos momentos históricos das discussões dos assuntos relacionados aos nossos direitos, ao nosso território, onde as pessoas e lideranças de todas as aldeias se reuniam para tomar as decisões sobre o que fazer. Eram nas reuniões que muitas decisões políticas foram tomadas e que afetaram toda a terra indígena Xakriabá. Ao estudarmos o que acontecia nestas reuniões recuperamos assim parte da história da Aldeia do Brejo e da Terra indígena Xakriabá.

Nosso estudo busca com isso desenvolver conteúdos para serem trabalhados nas escolas indígenas Xakriabá para que num futuro próximo, aqueles que não conhecem passem a conhecer essa história de nosso povo transmitindo aos mais jovens a história da participação política do Brejo Mata Fome, nos momentos de luta e conflitos, juntamente com as reuniões dos cabeças.

OBJETIVOS

Geral

- Conhecer a história da Aldeia Brejo Mata Fome, contando como se deu sua ocupação e a participação da mesma na luta pela conquista do território.

Específico

- Conhecer a história da Aldeia do Brejo Mata Fome da chegada de seus primeiros moradores, de como era a vida na aldeia no tempo dos antigos, de como se deu a ocupação da região.
- Destacar segundo os mais velhos os principais acontecimentos que ocorreram na aldeia.
- Refletir sobre mudanças ocorridas na aldeia do Brejo com o decorrer do tempo.
- Investigar a participação da aldeia do Brejo em um dos momentos mais importantes da TIX: a história de luta pela conquista do Território.
- Analisar a história de luta do povo indígena Xakriabá a partir da realização das reuniões das lideranças indígenas das aldeias que ocorriam na Aldeia do Brejo, as reuniões dos cabeças.

METODOLOGIA

Uma das nossas primeiras questões era investigar a história por trás do nome da aldeia do Brejo Mata Fome. Durante as nossas conversas de orientação, nos interessamos pela história de ocupação da Aldeia do Brejo do Mata Fome pelos seus moradores. Para entender como se deu esta ocupação ao longo dos anos, fizemos as seguintes ações:

Fizemos um roteiro de perguntas e escolhemos as pessoas que nos ajudariam a respondê-las. Assim entrevistamos as pessoas mais velhas dentre elas, o senhor Pedro Paulo Santiago, nosso avô, zé de Rodrigo, nossa vó Guilhermina, s.r Emilio, Jaime Lopes Pereira e José (Deda Sirêpté). Por fim, perguntamos a eles sobre a história da origem do nome da Aldeia e como era a vida antigamente, de quando eles eram mais moços. Queríamos saber como era a vida dos seus primeiros moradores, sobre como a população havia ocupado a região, sobre as estradas, seus recursos naturais (matas, rio). Queríamos saber sobre os principais problemas e mudanças que ocorreram ao longo dos tempos. As entrevistas foram gravadas e depois parcialmente transcritas e analisadas.

A partir das histórias contadas pelo nosso avô e os demais anciãos, produzimos conteúdos: o primeiro conteúdo foi um mapa da aldeia de antigamente na perspectiva de Seu Pedro Paulo identificando as casas, roças, matas, estradas e rios. Esboçamos nossa criatividade num desenho da aldeia e comparamos assim o crescimento populacional desde a data mencionada pelo s.r. Pedro com os dias de hoje. Este mapa foi depois apresentado ao S.r. Pedro Paulo que serviu de base para continuar nossa conversa apurando ainda mais as informações sobre a ocupação da aldeia. Por exemplo, em nosso primeiro desenho havíamos colocado estradas de rodagem, informação está corrigida pelo nosso avô dizendo que naquela época haviam apenas pequenos carreiros cruzando toda a aldeia. A partir do mapa, ele também pode se lembrar da presença de outros moradores. Em sequência elaboramos uma árvore genealógica da nossa família.

Durante o seminário de qualificação da nossa pesquisa, quando tivemos oportunidade de apresentar nossa pesquisa em andamento para os professores e estudantes da turma, fomos incentivados a introduzir uma nova temática na pesquisa que era investigar a história da participação da Aldeia do Brejo na luta pela conquista da terra. Também fomos aconselhados a buscar outras monografias produzidas no FIEI que também traziam informações sobre a aldeia ou sobre este momento histórico como a pesquisa de Werley Pinheiro de Abreu (ABREU, 2018), sobre luta, resistência e violação de direitos Xakriabá durante o período de ditadura militar e a história da Aldeia de Rancharia escrita por Ariclenes Ferreira dos Santos e Aparecido Rodrigues de Oliveira (SANTOS & OLIVEIRA, 2017). Ainda como leituras tivemos acesso ao

relatório técnico sobre o povo Xakriabá produzido pelo antropólogo Alceu Cotia Mariz e a dissertação de mestrado da também antropóloga Ana Flávia Silva. Depois de conversas durante a orientação, chegamos à hipótese de que os momentos mais importantes da história da luta pela terra pudessem ser contados a partir de um estudo das reuniões das lideranças que ocorriam na aldeia, as também chamadas de “reunião dos cabeças”. Sendo assim, elaboramos um segundo roteiro de entrevistas e escolhemos três outros novos informantes para nossa pesquisa: Seu Zé de Rodrigo, filho do falecido Rodrigão, cacique Xakriabá que teve papel decisivo na luta pela conquista do território. Também entrevistamos Seu Emílio, também conhecido pelo nome de Caipora, vice-liderança indígena da Aldeia Pedra Redonda e que durante o momento de luta pela terra era vice cacique de Rodrigão. Por fim, entrevistamos José (Deda) de nome indígena Sirêpté, professor de cultura da escola indígena Bukimuju, da Aldeia do Brejo. Pedimos a eles para nos relatar sobre as reuniões que ocorriam com as lideranças na aldeia do Brejo e sobre quais foram os momentos e temas mais importantes que se lembravam terem sido tratados nelas, seja por terem participado diretamente (Seu Emílio) ou das histórias que ouviram serem contadas (no caso de Zé de Rodrigo de histórias contadas por seu pai, ou de Deda, de sua avó, dona Maria)

Ao colocar os nomes dos entrevistados, temos uma observação a fazer pois o real motivo de o colocarmos, é porque os consideramos livros vivos, porque não dizer, as nossas fontes bibliográficas.

CONHECENDO OS ENTREVISTADOS

Pedro Paulo xakriabá



Nascido e criado na aldeia brejo mata fome, Pedro Paulo é hoje um dos poucos anciões da aldeia, atualmente aos 83 anos é um dos nossos livros vivos do território. Filho de Vencerlal Gomes e Leocádia de Jesus, Pedro Paulo nosso avô acompanhou de perto a história de luta do povo xakriabá já que ele é pertencente da família dos Gomes que segundo ele foi uma das primeiras a povoar o local.

S.r Emílio (kaipora) xakriabá



FOTO DE AUTORIA, DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA E. E. INDIGENA BUKIMUJU Brejo Mata Fome, junho 2021

S.r Emílio Lopes de Oliveira nascido em 15/09/ 1951, tem hoje 70 anos, também conhecido como kaipora, atualmente morador da aldeia pedra redonda, e vice-liderança desta comunidade, foi na época da luta pela conquista do território, vice cacique xakriabá de Manoel Gomes de oliveira (Rodrigão). Ele estava sempre na linha de frente das lutas não fugia da raia, junto com Rodrigão e Rosalino Gomes lutou bastante para que este território fosse demarcado. Se destacou também como professor de cultura da aldeia onde mora, e como conselheiro municipal participando ativamente dos trâmites e discussões de interesse do povo xakriabá, foi também peça importante na demarcação da reserva xakriabá II aldeia Rancharia /tendas.

José Déda (Sirepté)



FOTO DOS AUTORES, Brejo Mata Fome, agosto 2021

José de Araújo Souza, mais conhecido como deda sirepté, nasceu em 17/07/1982, aos 39 anos é hoje considerado iniciante de pajelança, muito reconhecido nesse meio, Déda desempenha também a função professor de cultura, na E. E. INDÍGENA BUKIMUJU, na aldeia Brejo Mata Fome, na qual nasceu e foi criado. Ele esteve também por muito tempo à frente do grupo de jovens indígenas que atuam na linha de frente das lutas nos dias de hoje, articulando estratégias, enfim era o líder desse grupo.

Guilhermina (Guilé xakriabá)



FOTO DE AUTORIA DE JESUITA GOMES, Brejo Mata Fome SETEMBRO 2021

Guilhermina Gomes de Oliveira Santiago, com seu nascimento em 14/12/1948 e pertencente à família gomes, morava com seus pais na aldeia imbaúba, até seu casamento, Guilhermina tem atualmente 73 anos, casada com Pedro Paulo Santiago, com quem teve um total 12 filhos todos morando em uma só aldeia. Ela é nossa avó e “mãe velha”, como chamamos. Ela ficou muito conhecida por desempenhar uma função um tanto quanto complexa, a de parteira tradicional, com formação registrada, pela na época FUNASA.

Zé de Rodrigo (Zé xakriabá)



Foto de autoria de Zezuel GOMES, julho 2019

José Gomes de Oliveira, nasceu em 05/ 12 /1970, filho do famoso cacique Rodrigão, ele é hoje conselheiro do atual cacique Domingos e um dos guardiões das histórias de seu pai Manoel Gomes de Oliveira o “Rodrigão. ” José residente da aldeia Brejo Mata Fome, ele nasceu na aldeia imbaúba, no entanto em decorrência da nomeação de seu pai a cacique passou a morar no brejo ainda muito pequeno, onde cresceu e vive até os dias atuais.

Jaime Lopes Pereira (Jaime xakriabá)



Foto de autoria dos autores

Nascido na aldeia Riachinho, teve seu nascimento em 07/09/1976 e tem atualmente 46 anos. Jaime mudou-se ainda muito novo, para aldeia Rancharia e se mudaria logo em seguida poucos anos depois para aldeia onde hoje vive com sua família. Desde muito cedo despertou para o trabalho junto ao seu pai com muito empenho e dedicação. Compôs por muitos anos ao conjunto de AISANS da aldeia brejo os Agentes Indígenas de Saneamento Básico e hoje atua como Agente Indígena de Saúde (AIS) atuando em sua aldeia a aldeia Pedra Redonda.

ACERVO DE FOTOS RELATIVAS A ALDEIA BREJO MATA FOME E AO TEMA PESQUISADO

Foto do momento da missa de abertura do dia do índio, realizada na aldeia brejo, esse momento reunia muitas pessoas, que vinham de todas as aldeias. Sempre que se comemorava tinha o brejo como ponto referencial.

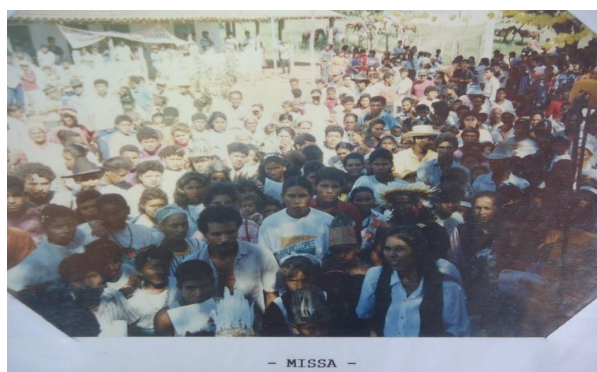


Foto de autoria do CIMI, data não mencionada

Foto do posto indígena de saúde da aldeia Brejo. Polo Brejo Mata Fome foi um dos primeiros hospitais do território indígena xakriabá, nos dias atuais é comum se ver pessoas de várias outras aldeias receberem atendimento nele. Ele é ponto de referência para muitas aldeias vizinhas a aldeia Brejo, como Terra Preta, Imbaúba, Pedra Redonda, Riacho do Brejo, Olho d 'Águão e muitas outras.



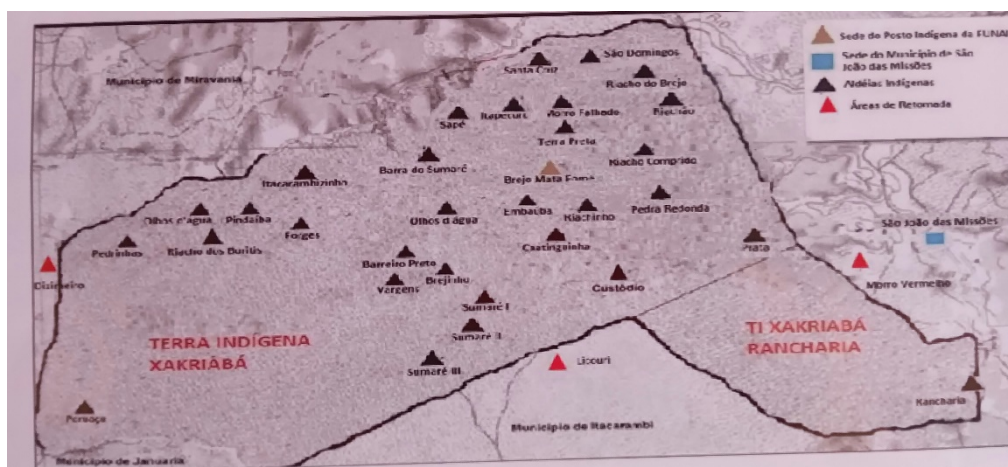
(Fonte dos autores) maio 2019

Foto da família de José Deda Sirêpté momento da entrevista; numa descrição da foto da esquerda para direita, Renato primo do Déda, Moisés, Anelí (Méra) mãe de Déda, de criança no colo, Luça irmã do Déda, José Déda sirêpté, dona Bília tia do Déda e por fim Silvina irmã do Déda.



(Foto dos autores) julho 2022

Foto do mapa do território cedido pelo grupo de alunos da aldeia Prata, onde mostra em coloração amarronzada a aldeia Brejo Mata Fome em destaque no centro do território Xakriabá, bem como no centro da imagem; nesta foto pode se observar um notável número de 31 aldeias em triângulo preto mais a sede em marrom, outras 3 em triângulo vermelho em processo de retomada nessa época. Nos dias atuais temos entorno de 35 aldeias e 1 aldeia sede que é a aldeia Brejo Mata Fome, sendo que cada uma tem sua liderança. Mostra ainda o município representado neste mapa pela cor azul.



(Foto de autoria dos alunos da aldeia prata)

CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA DA ALDEIA CONTADA POR NOSSO AVÔ

1.1- A história da aldeia Brejo Mata Fome

O nome Brejo Mata Fome, se trata da abundância de alimentos que havia ali, pois era a aldeia que matava a fome de todos que lá habitavam, e até mesmo que vinha de fora. O nome desta aldeia é mencionado de maneira muito forte na carta de doação, registrada por JANUÁRIO CARDOSO DE ALMEIDA BRANDÃO, bandeirante e responsável pelos índios na época, ele firmou a seguinte frase *“missões para morada e Brejo para trabalharem fora os gerais para suas caçadas e meladas”*. *Arraial de morrinhos, 10 de fevereiro de 728 digo 1728. Administrador Januário Cardoso de Almeida Brandão (certidão verbum-adverbum-uma-doação- et al, ABREU2018, pág, 13)* Onde Houver Luta Haverá Resistência. Com base nessas afirmações temos uma visão do brejo como sendo terreno produtivo e fértil. Em tempos de muita dificuldade conta minha avó Guilhermina, dizendo “as pessoas vinham de outras aldeias, colher manga, batata doce, inhame, taioba, cará, entre outros”.



Foto 1



Foto 2

Figuras 1 e 2 ambas asfotossão da entrada da Aldeia Brejo (autoria dos autores julho 2022)

Os mais velhos tinham o hábito de nomear locais dentro das aldeias, numa espécie de sub-aldeias. Na aldeia Brejo Mata Fome, por exemplo, há um local por nome “água fria”, que por sua vez recebeu esse nome por ser um riacho de água gelada, que descia atravessando um outro riacho de água normal.

Foto extraída do google maps, onde mostra as aldeias vizinhas a aldeia Brejo como o caso da aldeia Riacho do Brejo localizada acima da aldeia Brejo Mata Fome mais à direita da imagem:

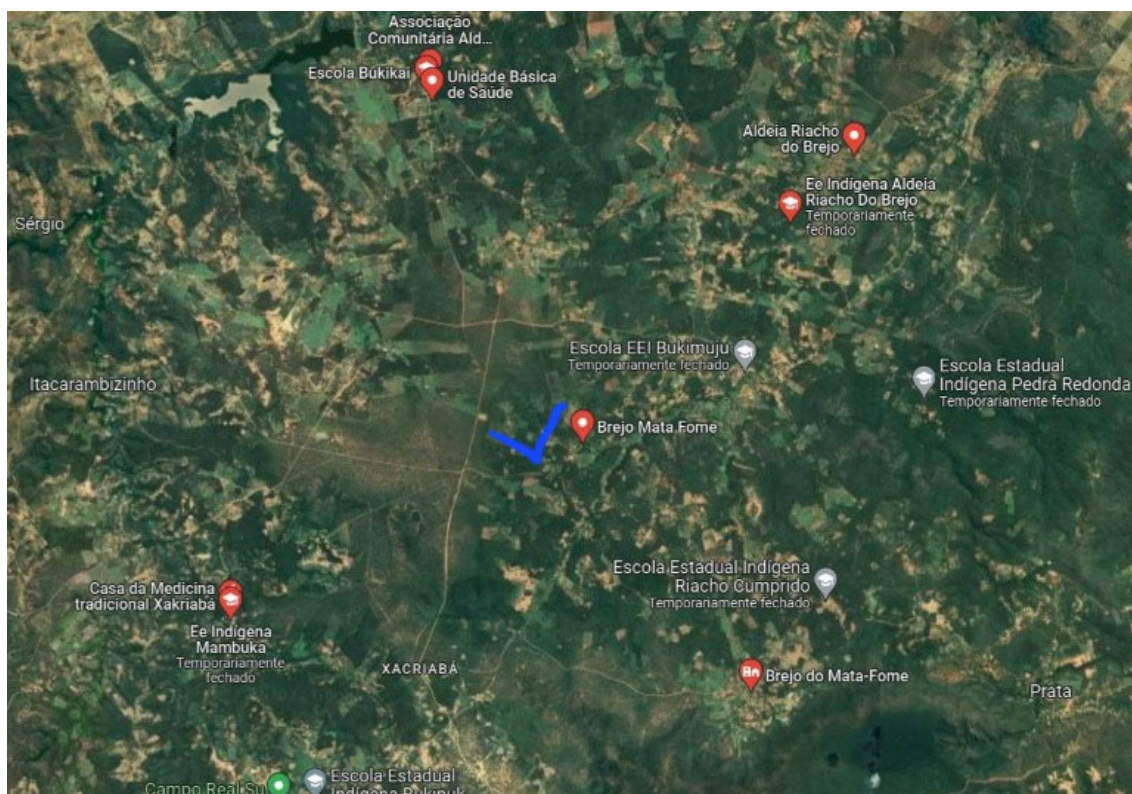


Foto retirada do google maps pelos autores, agosto 2022

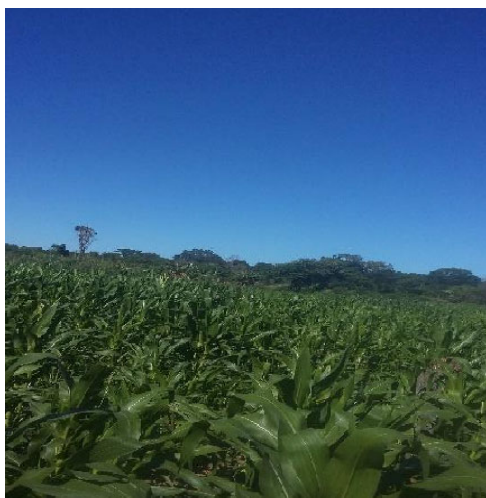
As histórias por trás de algumas aldeias se entrelaçam mesmo que de forma sutil. No caso do Riacho do Brejo, aldeia situada nas proximidades do Brejo. Seu nome se deu, pelo motivo de o riacho que banha ser o mesmo que deságua do Brejo Mata Fome. “A aldeia riacho do brejo recebeu o nome por causa do córrego, o que evidencia a sua importância para a formação da aldeia (NASCIMENTO et al, 2017). Essa informação foi confirmada pelo vice cacique e liderança da aldeia Dazakru Sdarãkã, senhor Alvinho Alves de Barros, que confirmou que o nome da aldeia riacho do brejo escrita na língua akwen Xakriabá, surgiu por causa do córrego homônimo que desce da aldeia Brejo. ” (BARROS Máilson Alves de, Belo Horizonte, 2019, p. 11). Em seu Trabalho de Conclusão de curso Certamente antes de popularizar o nome já se falava

nele desta maneira, pois no ato de tomar banho também se nomeia os pontos nos riachos. Outras aldeias se assemelham pelo nome, são elas Riachão, Riachinho e Riacho Comprido, percebe-se que todas elas trazem em sua nomenclatura, características e formas de ser de riachos, ou seja, o riacho que a banha tem essas características. Essa aldeia faz fronteira com outras 4 aldeias, Riacho do Brejo, Olhos D'água, Pedra Redonda e Imbaúba, sendo que as nascentes que nascem na imbaúba e Olhos D'água se encontram tornando um só riacho, o que banha o brejo. Assim como esses, muitos outros nomes das aldeias, tem um só sentido, todos possuem nomes que estão diretamente ligados à natureza. O apego a natureza tem em muitas etnias, no entanto os xakriabá desenvolveram no passado e desenvolve até os dias atuais uma relação muito forte com os riachos e rios isso explica o porquê nosso povo sempre viveu às margens dos rios, Tocantins e São Francisco.

1.2 Brejo: histórias e riquezas alimentícias

Aldeia de muita fartura, em que se matava a fome de todos que passavam por lá, a aldeia Brejo do Mata Fome sempre teve como marca registrada seu terreno fértil em que tudo que se plantava produzia bem. Um fator interessante desta história de abundância, está em um contexto ligado as nascentes que banha a aldeia brejo pois esse é um motivo mais que essencial para que se faça desta uma comunidade rica em gêneros alimentícios, onde se encontram variedades de alimentos nativos e plantas que são matéria prima para confecção de artesanatos deste local, como taioba, tabua, cana brava, taboka, cagão (articun), lagrima de Nossa Senhora, entre outras. Sem essas matérias primas seria impossível confeccionar os artesanatos que temos.

Abaixo alguns dos muitos frutos que compõem nossa flora da aldeia Brejo Mata Fome; foto 1 plantação de milho. Foto2 bananeira foto3 plantação de mandioca. Foto 4 mangueiras; fonte dos autores



plantação de milho 1



2 bananeira



3 macaxeira



4Pé de manga

Iniciamos esse capítulo, contando um pouco da história do território, sobretudo da aldeia Brejo Mata Fome, na visão de S.r. Pedro Paulo. É morador da Aldeia desde seu nascimento, em 1939. Ele nos contou que ouviu de seus parentes várias histórias, sendo que muitas delas foram vivenciadas por ele. Com ajuda de um mapa da aldeia

produzido a partir de seu depoimento podemos perceber o quão importante foi essa aldeia. Segundo nos conta o Sr. Pedro, os primeiros moradores da aldeia se resumiam a três ou quatro famílias sendo elas, a família dos Gomes, a família dos Pinheiro, e nas lembranças dele esses foram os primeiros moradores do Brejo. Manuel Pinheiro morava perto de um morro na direção das Aldeias Riachinho e Olhos D'água, e era o patriarca de sua família. Teve uma quantidade aproximada de trinta filhos. Nosso avô conta ainda, que as pessoas moravam próximas dos riachos, só que não tão perto, pois os mais velhos não permitiam, por medo de as pessoas desmatarem a vegetação das encostas do rio já que ali estavam concentrados os locais de terrenos mais produtivos e em melhor estado de conservação. Tinham pequenas plantações somente para o sustento da família, sendo essas plantações a uma distância considerável das margens do riacho. E as criações animais existentes viviam livres em meio às matas. Era uma região de muita mata e algumas espécies de animais nativos desse lugar eram proibidas de serem caçados, como por exemplo, o jacaré, hoje não mais existente no local. Os mais velhos pensavam no equilíbrio e bem-estar da natureza, de acordo com a fala de Pedro Paulo. “naquela épa dus mais véi num podia matar esse bicho não, eis ainda falava ó ocês num faiz casa na beira dos riachos não, pru que depois cês vai querer matar us bicho que ta queto lá, se eis matar as criações suas”. As matas eram muito fechadas e por isso era comum se ver rastros enormes de onça pintada por todo lado, assim como rastros de outros animais como tatu, anta, meleta (tamanduá), paca, catingueiro (veado), porco espinho (cacheiro), michila, papa mé (guaxinim), tatu peba, kaititú (porco do mato), maraca ia (gato do mato) entre outros. Ele ainda salienta que haviam árvores enormes e muito grossas que hoje não existem mais devido as pessoas desmatarem exageradamente, arvores como a **gameleira**, **jequitibá**, **sete-casaca**, **jenipapo** e outras. Eram arvores enormes de espessura diferenciada, comum de se encontrar em regiões como a do Brejo, lugar fresco e terreno produtivo. Hoje devido ao crescimento da população muitas delas não mais se encontram, as pessoas passaram a cultivar essas áreas de beira de riacho, hoje conhecidas como “vazantes, “o que antes era proibido pelos mais velhos como afirma S.r. Pedro Paulo no presente trabalho.

1.3 A aldeia Brejo no tempo dos antigos

As casas que haviam neste local era todo coberta de capim sapé e suas paredes embarriadas usando a mão, essas construções chamadas de casa de enchimento ou pau-a-pique.

Foto da casa de enchimento ou pau-a-pique;



Fonte dos autores, setembro 2022

Nessa época era tudo mata, tinha somente os terreiros das casas, sendo que uma vez ou outra passava um carro segundo S.r. Pedro Paulo. Seu Pedro cita ainda vários de seus tios que viviam na aldeia como, o finado João, Estevão Gomes, João Antônio e Romana. Estevão Gomes morava perto de um pé de canafista que tinha num alto próximo da casa de Pedro Paulo, sendo assim nosso avô pensou que após a morte de Estevão, este local deveria pertencer a ele já que Estevão não teve filhos. Pedro já tinha as terras de seu pai, ele então pensou em juntar as terras de seu pai e tio, já que ele seria

quem iria morar mais próximo e cuidaria das terras. Decidiu ficar somente com o que era de seu pai assim ficou nas mãos do cacique resolver quem habitaria o local.

Dentre os eventos que mais marcaram sua vida na aldeia, seu Pedro nos relata Um Período que marcou não só o povo do brejo como também, várias outras aldeias foi a época da cheia de 60, nesse período as pessoas abandonaram suas casas e foram morar em locais mais altos longe do perigo de uma nova enchente, ele relata que havia saído para trabalhar fora e que quando chegou encontrou tudo deserto. As vazantes locais de suas plantações foram alagadas suas casas destruídas e até mesmo algumas criações foram perdidas em meio a tanta água. Esse trecho consiste em analisar os impactos sofridos pelos integrantes dessa aldeia, essa que é famosa por seu nome estar relacionado a fartura e abundância de alimentos nativos deste local.

Segundo afirma sr Pedro Paulo “era um lugá onde antes nem se imaginava passar carro e hoje roda carro para tudo que é lugá. As pessoas que moravam ali eram todos parentes. As primeiras famílias desse lugá aqui era os Gome e os Pinheiro, e o Manelo Pinheiro morava na cabeceira do rio d’água. ” Nessas falas do sr Pedro, se percebe nitidamente, que nos dias atuais houveram várias mudanças, a mais perceptível delas é no que diz respeito as estradas, pois o que antes eram carreiros estreitos, hoje são rodagens enormes com espaço suficiente para que 2 carros se emparelhem sem dificuldades. Guilhermina nossa avó entra nesta história, e cede informações importantes sobre aldeia. Ela conta que ali tinha a casa e sua casa era de enchimento, e onde tem casas hoje antes era só matas ela conta que da casa do dele pai de João de Cota para direção do centro do brejo era tudo mata fechada e só tinha os carreiros e não tinha rodagens “estradas grande”, e que só depois foi vindo essas rodagens para o território. Ela salienta que onde hoje mora a filha de Raimundinho, era mata e tinha só uma casa essa pertencia ao vói André, e ficava perto dos pés de manga, e tinha um poço de água muito fundo onde eles pegavam água para os afazeres, este poço era muito bem conservado. Naquele tempo tinha bastante água, era uma água limpa, o riacho era o mesmo riacho mais a água que descia do “furado da jurema” chamava água fria. Depois com o aumento muito grande da quantidade de pessoas que foi mudando, as matas foram dando lugar às construções de casas e estradas largas e as margens dos riachos deram lugar a plantações. Ainda falando das estradas, nossa avó destaca que antes só passava carro de boi, já os carros motorizados eram muito difíceis de serem vistos por aqui.

Após a entrevista com seu Pedro, fizemos um mapa registrando em imagem a aldeia de antes segundo seu relato, como podemos ver na imagem abaixo.

A aldeia no tempo dos antigos, segundo (Pedro Paulo e Guilhermina)



Foto de autoria dos autores setembro 2022

LEGENDA:

- *Em tons verdes e amarronzados as matas
- *Com um corredor azul e bordas marrom o riacho
- *Com um corredor em marrom os carreiros (estradas estreitas)
- *Em tom das paredes vermelho e formato de cabana arredondada as casas dos moradores, com seu telhado marrom cor que remete ao capim sapé.

A esquerda bem no canto de baixo da figura, pode se notar 3 casas feitas tradicionalmente em formato pau-a-pique. A primeira bem pequena a casa de dona Maria de Loro avó do Déda Sirêpté, em seguida as casas de vencerlal Gomes, pai de Pedro Paulo, e seu irmão tio de Pedro Paulo, de nome Estevão Gomes. Em cima dessas casas, do mesmo lado esquerdo do riacho, outras 3 construções, em cor branca a escola, paralela a ela e em coloração azul, o posto indígena da FUNAI, em seguida em formato pau-a-pique a casa de Rodrigoão cacique atuante da época. Do outro lado do riacho é possível notar moradias que ficam um pouco mais distantes do restante das demais. No canto de baixo a casa de Manoel Pinheiro e em cima dela outros integrantes de sua família a família Pinheiro. Por fim próximo ao riacho a casa do S.r. André.

Esse mapa foi um primeiro esboço feito a partir dos relatos do nosso avô, trazendo as construções da época e localizando-as de forma que o sr. Pedro olhasse novamente e dissesse o que teria que mudar e o que acrescentar a este desenho. Reunimos aqui todos os relatos de que nossos avós nos passaram as matas muito fechadas, as estradas estreitas, o riacho impondo limites para as moradias e dividindo moradores de um lado e moradores do outro de suas margens. Além disso relata também a maneira que as construções foram erguidas que segundo relatos de Pedro e Guilhermina seria de enchimento/pau-a-pique.

Foto do centro da aldeia dos dias atuais, com foco na E. E. ÍNDIGENA BUKIMUJU:



Foto retirada da face book, agosto 2018

LEGENDA

No centro da imagem está localizada a escola, dividida entre um espaço de reunião no centro em formato de cabana, dois conjuntos de salas paralelas, uma sala de direção e uma cantina. No lado de baixo da foto construções atuais e a estrada que corta o centro da aldeia, são bem largas com calçamentos pavimentados.

A partir das duas imagens fazemos uma breve comparação em que se destaca a diferença dos dias atuais para o da época do tempo dos antigos já que na atualidade são cerca de 201 famílias distribuídas pela aldeia, e naquele tempo, no tempo de nossos avós e bisavós, eram no entorno de 2 grandes famílias, sendo elas citadas pelo s.r Pedro Paulo, acima, a família Gomes e a família Pinheiro. Com o passar do tempo vieram pessoas de outras aldeias e a aldeia tem as dimensões atuais. As casas dos moradores nos dias atuais são totalmente diferentes das mencionadas no desenho acima, com seu telhado em sistema moderno e paredes em puro cimento. No entanto ainda se é muito comum encontrar casas em formatos tradicionais, pois são mais frescas e de fácil manejo no momento de sua construção.

1.4 A História da nossa família

Não seria possível falar dessa história sem contar a história da nossa família, uma das mais antigas, uma das primeiras a habitar o local. Segundo nos conta nosso avô a primeira família a habitar a aldeia seria a família dos Gomes. Dos nomes de seus tios seu Pedro Paulo só se recorda dos nomes dos tios sendo o mais velho da família o Dionizio Gomes, seguido de Germano, o Jerome, junto veio o Estevão e Venceslau, seu pai. Pedro Paulo era filho de uma família de 6 irmãos. Assim veio a geração de nosso avô, PEDRO PAULO SANTIAGO, que por sua vez casou-se com minha avó GUILHERMINA GOMES DE OLIVEIRA, seu casamento ocorrera por volta de 1960, juntos eles tiveram 13 filhos, com um óbito restaram 12. Nossa mãe ENEDINA GOMES CARNEIRO, a segunda mais velha dos 12 filhos, se casaria aos 17 anos com meu pai, MANOEL DE ARAÚJO CARNEIRO, juntos tiveram 9 filhos, porém um óbito havia ocorrido também, sendo assim somos os filhos de número 4 e 6. Até então morávamos na aldeia Barreiro Preto, aldeia natal da família de nosso pai. Como de costume, nosso pai levou nossa mãe para sua aldeia. Nossa história na aldeia Brejo se resumia apenas a passeios.

Na foto abaixo mostra uma destas visitas que fizemos ao Brejo na casa de nossos tios. Nela estamos juntos com nossos irmãos e primos. Ela foi tirada um pouco antes de nos mudarmos para a Aldeia do Brejo. Com a morte do nosso pai, tivemos de nos mudar para o Brejo.

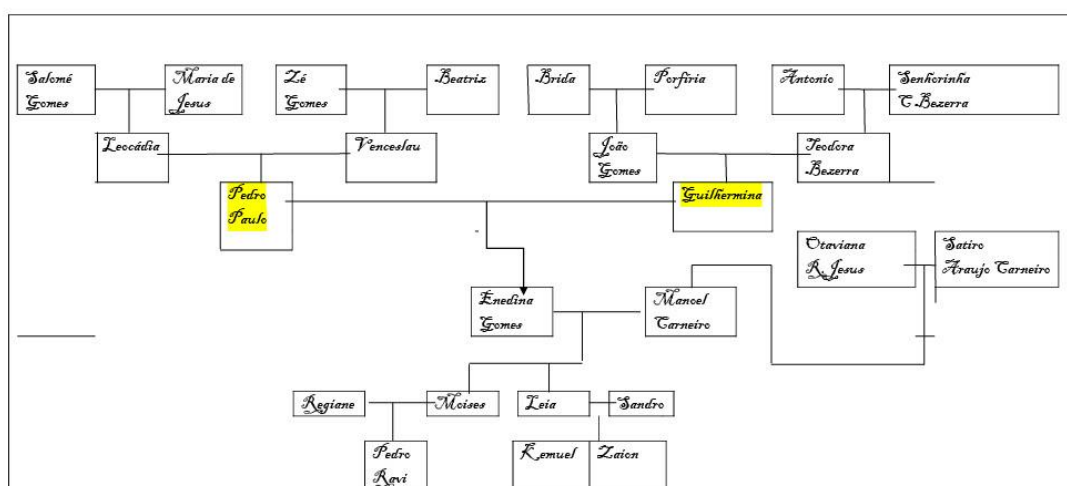
Na época ainda éramos crianças (Leia com 10 anos e Moisés com 6 anos) e passamos a morar com a família de nosso avô, até que construíssemos nossa casa. Aos

poucos retomamos nossa vida, construímos nossa casa, alguns dos nossos irmãos se casaram, tiveram filhos dando sequência ao crescimento da família.



Figura 2na foto da nossa família tirada junto de nossos primos. Da esquerda para a direita: Elinaldo (primo), Isac (irmão), Moises, Naiara (prima) Vilma (mais alta, irmã), Itailza (pequena, prima), Leia, Marcos (primo) e Sara (irmã)

Com base numa das conversas com nossos avós, foi possível também construir uma árvore genealógica da nossa família, esse foi um exercício muito importante para nós, pois possibilitou que conhecêssemos mais de perto nossos descendentes.



ARVORE GENEALÓGICA

FAMÍLIA SEU PEDRO PAULO SANTIAGO E DONA GUILHERMINA GOMES DE OLIVEIRA

Durante a entrevista com nosso avô pedimos a ele que nos informasse os nomes dos nossos parentes que moraram na Aldeia do Brejo. A partir da coleta destes nomes montamos a árvore genealógica da nossa família da parte dos Gomes, da qual pertence a nossa mãe Enedina Gomes Carneiro, através desse mapa podemos distinguir quem são os familiares de cada um dos meus avós.

Abaixo a descrição da árvore genealógica da família Gomes;

Começando com **PEDRO RAVY** o fruto do casamento de **MOISÉS** e **REGIANE**,
KEMUEL e **ZAION** filhos de **LÉIA** e **SANDRO**,

Em seguida **MOISÉS** E **LÉIA** filhos de **ENEDINA GOMES** e **MANOELCARNEIRO**

ENEDINA GOMES filha de **GUILHERMINA GOMES** e de **PEDRO PAULO**, e

MANOEL CARNEIRO filho de **SÁTIRO** de **ARAÚJO** e de **OTAVIANA** de **JESUS**

GUILHERMINA GOMES, filha de **JOÃO GOMES** e **TEODORA BEZERRA**

PEDRO PAULO filho de **VENCERLAU GOMES** e de **LEOCÁDIA**

LEOCÁDIA filha de **SALOMÉ GOMES** e **MARIA** de **JESUS**

VENCERLAU GOMES filho de **ZÉ GOMES** e de **BEATRIZ**

JOÃO GOMES filho de **BRIRDA** e de **PROFIRO GOMES**

TEODORA BIZERRA filha de **SENHORINHA C. BIZERRA** e de **ANTONIO**

Nessa descrição aparecem os nomes de pessoas de outras localidades, como por exemplo Manoel filho de Sátiro e Otaviana, Sandro cônjuge de leia, Regiane cônjuge de Moisés essas pessoas pertencentes a outras aldeias que não o BREJO MATA FOME, no entanto de certa forma passaram a fazer parte desta família, família ‘‘Gomes. ’’ Dentro das impossibilidades de fazer tais correções, apresentamos esse projeto com o intuito de que alguém o aprimore assim como, todo esse projeto. Esse trabalho não acaba aqui, ficaremos lisonjeados se outros estudantes o dessem sequência.

CAPITULO 2: HISTÓRIA DAS REUNIÕES DOS CABEÇAS E A LUTA PELA CONQUISTA DO TERRITÓRIO

2.1 As reuniões e a forma como são realizadas

De acordo surge a necessidade de que haja reuniões no território, o cacique e as demais lideranças se organizam e propiciam momentos de reflexão de forma que todas as aldeias possam participar. Sempre esteve no DNA dos xakriabá resolver seus problemas em conjunto, uma espécie de marca registrada. Essa união vem de longa data vemos isso num trecho em que s.r. Emílio descreve brevemente neste presente trabalho. Segundos.r.Emílio vinha gente de todas as aldeias, cada pessoa vinha de acordo suas condições alguns a pé, outros a cavalo, uns vinha de moto, outros de jegue, mais todos faziam o maior esforço para comparecer nas reuniões, para assim participar das tomadas de decisões.

Interessante notar a interação com a natureza nos momentos dessas reuniões e frisar a importância do local onde ocorriam os encontros, para a comunidade do Brejo, já que o mesmo foi palco de decisão de vários momentos importantes. Segundo deda havia pessoas certas para aconselhar e conduzir as reuniões geralmente quem tinha esse respeito eram as pessoas que tinha o contato com o mundo dos espíritos, sendo assim se tinha a preparação de quem iria resolver os problemas do território.

Essas reuniões, mudavam de locais numa espécie de rodízio ocorrendo na maioria das vezes entre brejo e embaúba. Dentre esses locais considerados sagrados estão um pé de juá de boi e o pé de canafista, muito citados pelos mais velhos, é assim também afirmada por Déda sirêpté xakriabá.

“ Nessa organização se reuniam *os cabeças* o cacique e as lideranças juntamente com os conselheiros que sempre se dividia entre homens e mulheres. Aquié um pé de juá e nesse pé de juá próximo da casa de maria de louro, pois quem ajudava na organização do povo era um companheiro da família gomes ae nesse tempo no xakriabá não tinha essa quantidade de gente que tem hoje, aí tinha sempre um lugar de referência e se preparava para viajar. Ae reunia os cabeça reuniam o cacique as lideranças, os conselheiros e também que tinha os conselheiros que era homem e as conselheira mulher pra aconselhar o pessoal, e minha avó maria de loro era uma das conselheira mulher se organizava também pra aconselhar o pessoal e quando o cacique Rodrigo planejava essas viagens reunia aqui tinha outras reunião também e cada aldeias tinha seus pontos de referência e aqui hoje pelo documento da SESAI esses se deram um segundo endereço que é embaúba mais toda documentação daqui nossa é de brejo da mata fome e ae nesse reunir que se reunia fazia uma coleta por exemplo o pessoal dizia assim vamo rodar o chapéu pra ver quanto que alguém vae conseguir doar pra o cacique fazer as viagem e ae o dinheiro naquele tempo era bem mais difícil e ae oque que o pessoal fazia reunia e dava alguma quantidade de alimentação e aqueles que conseguia

um dinheirinho mesmo pouco mais ali o cacique tirava o chapéu da cabeça um chapeuzinho de paia, e ae panhava alguma moedinha algum dinheirinho que tinha que

Foto abaixo do deda Sirêpté no momento

Das entrevistas;



Foto dos autores agosto 2021

Seja de papel que seja de moeda e ponhava naquele chapéu e ae fazia uma roda lá e esse chapéu ia circular aquela roda todinha e quem tinha seu pequeno recurso dava aquela quantidade que podia tinha aqueles que vendia uma galinha vendia um frango ali para poder conseguir né, os outros fazia garrafa de remédio né e saia, não! Eu sei que você está doente, mais eu preciso né, fica com essa garrafa de remédio em troca de um frango e o frango eu vendo desse povo, como as marcantes reuniões em defesa da terra, entre outros.

” JoséDeda (sirêpté)

Com base nas falas de alguns entrevistados é possível observar que eram e ainda é muito comum a diversidade dos meios de transporte utilizados no deslocamento para essas reuniões, pois está visível que motos, bicicletas, cavalos, e entre meios de transporte.

Na imagem abaixo se percebe uma construção antiga bem fundo, ela se trata da casa do marcante cacique Rodrigão e a direita uma um pé de jurema preta, considerada sagrada por nosso povo. ***Abaixo alguns registros nos ajudam a entender melhor;***

Foto do momento da candidatura de Célia xakriabá



(Foto de autoria dos autores, Brejo Mata Fome, julho 2022)

VERSOS

Bem no fundo dessa foto

Olha essa construção

Uma casa bem antiga

Do cacique Rodrigão

A direita uma árvore

Você pode observar

Com seus galhos bem sequinhos

Mais ciência se tem lá

Essa árvore eu te digo

Você pode acreditar

Quem plantou com suas mãos

Foi Rodrigo xakriabá

O local se tornou
Bem sagrado para nós
Pois lá se reuniam
Nossos sábios e avós

S.r.Emilio já dizia
Vinha gente de todo lugar
Pois todo se reunia
Para que fossem conversar

Vinha gente a cavalo
De a pé e de moto
Podemos observar
Direitinho nessa foto

Esse foi um local
De muita reunião
Discutia as demandas
Para fazer resolução

Discutia com o povo
Sobre a demarcação
Pois nós tínhamos como prova
Toda a documentação

Sobre a carta de doação
Aqui vou explicar

Essa terra foi doada
Pra nois índio habitar

Sem fugir desse assunto
Falo dessa relação
Do índio com a natureza
E essa com certeza
É a melhor da relação
Se reúne em meio a ela
E discute com cautela
A nossa preocupação

Discutimos a saúde
Também a educação
Reunimos juventude
E nossa organização
Muita coisa se conquista
Mas nem tudo a nossa vista
Falo da demarcação

Versos dos autores Moisés xakriabá e Léia xakriabá;

Uma forma de combater os retrocessos sofridos por nosso povo foi criar movimentos indígenas e incrementar assim novas estratégias de luta. Especificamente nesse encontram-se presentes o cacique Domingos Nunes juntamente com algumas lideranças, levantando demandas e demonstrando seu apoio aos jovens nessa caminhada tão importante.

Fotos do momento do encontrão da juventude;



Fonte de autoria de Edgar kanayko dezembro 2020;

Os jovens tomam a frente das lutas, e se articulam entre si para fazer viagens em busca dos direitos visando um bem maior que é o bem-estar de todos nós indígenas. Esse evento ocorrido na aldeia prata teve início nas aldeias Imbaúba e Brejo e hoje vão se distribuindo pelo território numa espécie de rodízio. O mesmo proporciona momentos de descontração, com brincadeiras como corrida do maracá e derrubada do toco, além das competições e roda de conversa. No entanto são os momentos de prática da cultura que tem o maior destaque nesse evento, com as danças e cânticos tradicionais.

Entrevista com Zé de rodrigo

Segundo zé de Rodrigo afirma, uma das reuniões de maior relevância para a época de seu pai foi uma reunião dos órgãos SESAI e FUNAI, onde iria anunciar a saída da FUNASA para o então se discutir a chegada da SESAI, esta que por sua vez atende o povo xakriabá até os dias atuais. Nessa reunião houve uma quantidade muito grande de pessoas participando ativamente das discursões.

José Gomes de Oliveira (zé de rodrigo)



Foto de autoria de ZEZUEL GOMES julho2019

Ao ser questionado sobre as lembranças das reuniões na época de seu pai, zé de rodrigo afirmou seu pai Rodrigão reunia primeiro com as lideranças os “cabeças”, para discutir assuntos sobre viagens a Brasília e Valadares. Salienta ainda que a FUNAI solicitava a presença de ao menos 3 pessoas para participar dessas reuniões e que era comum que ocorressem com frequência para detalhar quem iria ser os viajantes quando necessário. Se organizava de forma que os escolhidos a participar dessas viagens deveriam ser pessoas mais próximas da região da aldeia Brejo Mata Fome, sendo que na maioria das vezes os participantes eram, Béda, Emilio, Arvelino e Rosalino. Relata também que da família de Leocádia havia um homem chamado Maroto teve participação direta nas viagens já que eram eles os que mais conhecia sobre o território nessa época. A recomendação da escolha das pessoas que iria estar em frente das viagens teria de ser aquela que teriam mais aparência indígena e assim uma das famílias que mais se destacava era família de Maria de Louro e ainda povo de Jaime. Esse olhar de que haviam indígenas que seriam consideradas “mais indígenas do que outros” advém de pessoas de fora do território xakriabá, uma vez que, os próprios membros dos órgãos responsáveis pelos indígenas, pensavam com tal expertise, de forma a não terem que sofrer ponderações dos governos daquela época, que era quem tinha a palavra final sobre qualquer decisão voltada aos direitos indígenas. Esse olhar voltado ao indígena de forma banal e pré-histórica de dizer que o índio para ser índio tem que ter cabelo liso e olho puxado é tanto ultrapassado como uma discriminação pois se o povo xakriabá tem a característica que se tem hoje, muito se deve ao desgoverno e ao descaso, com mulheres indígenas violentadas por posseiros e fazendeiros, sobretudo do contato com o branco o que poderia ser evitado.

Se tratando dos lugares onde aconteciam as reuniões, ele explica que onde mora o atual cacique Domingos Nunes, foi palco de muitas reuniões debaixo de um pé de árvore chamado canafista, esse que naquela época abrigava dezenas de participantes,

2.2 A Escola da aldeia brejo como ferramenta de luta

Segundo relato do s.r Pedro Paulo, quando começou a ter aula no território indígena, se lecionava em casa mesmo, pois não se tinha escola na época. Ele conta ainda que tudo começou com um indígena chamado Juquinha, nesse tempo alguns indígenas estudaram com ele, inclusive um irmão dele por nome Antônio seria o mais velho deles. Porém quando chegou a vez de ele interessar pelos estudos, já havia acabado tudo não tinha mais nada. Entre os que estudaram estão Salu, Zé de Neco e alguns outros. Em seguida ele destaca que começaram a correr atrás foram mexendo, mexendo depois de muitos anos, veio a época de 60 nesse período no riacho dos buritis que foi onde deu certo. Logo depois disso, Seu Pedro relata as ações de um antigo prefeito de Itacarambi conhecido por todos como Correinha, que em seu mandato se dispôs a executar a obra da escola, ao ver que não iria dar conta de entregar a obra finalizada ele somente a começou gerando revolta em nosso povo, a obra, no entanto foi finalizada pelo estado, com o governo de Minas Gerais.

Por muitos anos era possível ver professores lecionando aulas numa igreja católica e na farinheira próxima a casa de Rodrigão, já que o número de alunos era muito grande, devido às outras aldeias não terem prédios escolares na época.

A ESCOLA E. IDIGENA BUKIMUJU, teve papel muito importante na organização do território, situada no centro da Aldeia Brejo, esse prédio tem uma imensa história de contribuição para nosso povo, sempre participando das grandes decisões envolvendo as comunidades no entorno dela.



Foto dos autores, julho 2021

A história da educação neste território em todo tempo anda lado a lado com as articulações do cacique e das demais lideranças, como segundo José Déda, houve um tempo em que maioria das pessoas não sabia estudar e que para se comunicarem nos momentos de viagem era muito difícil se usava bastante o correio para mandar cartas, e

nesses momentos quem se destacava era quem tinha o domínio da escrita. Também em outros momentos, era comum que a escola participasse das reuniões dos cabeças como vimos em um vídeo que se possível será assistido em momento oportuno. Nesse vídeo se destaca a participação dos professores nas reuniões, o que se comprova pelos registros feitos por eles em atas e guardadas no prédio escolar, e assim escola e cultura dividem os momentos de educação de nosso povo.

Foto do momento da reunião ocorrida na escola citada acima, a escola da aldeia Brejo, nesse local se discutiu os vários tipos de retrocessos sofridos pelo povo



xakriabá:

Foto dos autores janeiro 2019

É muito comum que nossos cacique e lideranças se reúnam nas escolas sobretudo na escola BUKIMUJÚ citada acima, já que a mesma tem espaço suficiente para abrigar centenas de pessoas, o que muito se viu durante os retrocessos sofridos por nosso povo. Por vários momentos foi possível observar reuniões decisivas necessitando até mesmo que se paralisassem as aulas e se mobilizasse. É o caso da retomada da comunidade de Caraíbas retomada recentemente, em que alunos e professores foram mobilizados e convidados a participar das retomadas.

2.3 “Cortaram nosso tronco, mais deixaram nossas raízes, e delas virão novos brotos e estes gerarão novos frutos”

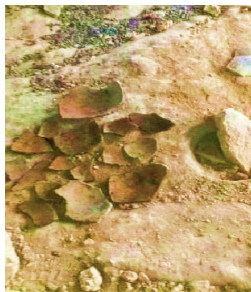
É necessário salientar que nossa cultura para nós é uma forma de reunião pois, ao praticá-la sempre o fazemos reunidos transmitindo conhecimentos e repassando tudo aquilo que adquirimos com o passar do tempo.

Por muito tempo fomos impedidos de praticar nossa cultura, danças, pinturas corporais, falar nossa língua o akwen, e obrigados a falar e agir segundo os modos dos portugueses.



Nesse trecho iremos abordar sobre o adormecimento de nossa cultura, destacando assim uma frase firmada por muitos xakriabá e sobretudo por sinapse xakriabá (Divalsir), indígena xakriabá da Bahia, essa frase dizia o seguinte “cortaram nosso tronco mas deixaram nossas raízes e delas virão novos brotos” essa frase foi cravada em um momento muito importante que foi a retomada das reuniões do grupo de jovens xakriabá da aldeia brejo, grupo esse que incentiva jovens a praticar nossa cultura. Trago também uma prosa que tive com sirepté (deda xakriabá), nessa conversa obtive muitas informações, como por exemplo, a opressão sofrida por nosso povo há muitos anos, pelo grupo de católicos, no então objetivo de catequizar nossa comunidade, impondo e implementando seu catolicismo a todo custo sem se preocupar que perdêssemos nosso costume e crença. Aqueles que não aceitavam seguir o catolicismo, tinha sua língua e cabelos e mãos cortados, mesmo castigo aplicado aqueles que falassem nossa língua materna.

O brejo mata fome foi fortemente afetado por essa espécie de opressão, de forma que muitos se viram obrigados a fugir para as cavernas em meio às matas. Como vemos abaixo, cacos de cerâmica junto às falas de Jaime Xakriabá são eventuais indícios de que se refugiaram muitas pessoas nesses locais.



Hoje em dia tentamos retomar nossas práticas, com alguns grupos de jovens que reúnem anciões e comunidade a fim de que possam haver uma certa troca de conhecimentos. Em um desses momentos o grupo de jovens da aldeia brejo reuniu pessoas de sua própria aldeia e de aldeias próximas no intuito de revitalizar a cultura.

Fotos dos momentos de reuniões troca de conhecimento, juntamente com a prática do ritual

Foto 1

foto 2



*Foto 1 ritual, autoria
autores*

foto 2 conversas à beira da fogueira fonte dos

Edgarkanayko

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Versos

Concluimos aqui

Esse nosso TCC

É através de entrevistas

Que trazemos pra você

Estudamos a história

De muita reunião

E da aldeia Brejo

E sua participação

Pois era o centro político

Do povo xakriabá

E todo de acontecido

Por lá tinha que passar

No Brejo Mata Fome

Era onde reunia

Para tomar as decisões

Os cabeças assim dizia

O lado da maioria

Quem iria decidir

O futuro desse povo

Dependia do agir

Assim agiam os cabeças
Junto as comunidades
Reunindo em conjunto
As suas prioridades
Resolvia tudo ali
Sem nenhuma rivalidade

Esse é um escrito
Voltado para as reuniões
Mais aborda os costumes
Entre outras informações

Os resultados aqui obtidos
Foram assuntos de interesse
Nesse trabalho se revela
O Seu verdadeiro apressado
E vae das muitas conquistas
Que por nós foram obtidas
E pago por alto preço

Esperamos que esse trabalho
Não! Não pare por aqui
Uma história muito rica
Que se deve prosseguir
Essa história recontada, esperamos ainda ouvir!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, Ariclens Ferreira dos; OLIVEIRA, Aparecido Rodrigues de. A memória da luta pela memória da luta pela Terra Indígena do povo Xakriabá de Rancharia (MG). Trabalho de conclusão de curso. Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2017, 55 páginas.

ABREU, Werly Pinheiro de. Onde houver Xakriabá, haverá resistência! Violações dos direitos indígenas no caso Xakriabá durante a Ditadura Militar. Trabalho de conclusão de curso. Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2018, 60 páginas.

SANTOS, Ana Flavia M. *Xakriabá: identidade e História*. Relatório de Pesquisa, Brasília, 1994.